

O MERCADO DE TRABALHO E OS EFEITOS DE SER MULHER

Thaine Silva Martins – mthaine@ufmg.br

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

As crises do capitalismo indagam as mulheres de forma muito específica. Se por um lado há uma precarização geral na qualidade de vida das pessoas, há também uma intensificação da exploração sobre a força de trabalho feminina, principalmente sobre aquelas em situações de renda mais vulnerável. Esse processo é uma resposta à forma como a lógica do capital incorporou as mulheres na formação de riqueza. Nesses termos, é possível dizer que a divisão sexual do trabalho é responsável tanto por segregar, marginalizar e precarizar o trabalho das mulheres em momentos de estabilidade econômica, quanto por agravar essa condição em cenários de crise e instabilidade.

É nessas condições que o conflito entre a produção e a reprodução da vida fica ainda mais acirrado, uma vez que a conciliação das jornadas trabalho pelas mulheres é ainda mais intensificada, agravando a contradição capitalista entre a produção e a reprodução da vida, colocando a centralidade da valorização do capital em relação a vida de uma forma ainda mais perversa.

Assim, o trabalho procura avaliar sob a perspectiva das autoras da Economia Feminista, as assimetrias geradas em função da inserção desigual das mulheres no mercado de trabalho, a partir de variáveis de nível estrutural e individual. Entendendo que nesse processo as condições de integração das mulheres ao trabalho mercantil se realizam de forma ainda mais assimétrica, onde se criam postos de trabalhos ainda mais precários para as mulheres das classes menos abastadas (geralmente vinculados à terceirização do trabalho doméstico e de cuidados) para que aquelas em situação de maior estabilidade sejam capazes de se engajar em posições de trabalho com maior retorno econômico. Dessa forma, o conflito de classes entre as mulheres já identificado em conjunturas mais favoráveis é agravado.

METODOLOGIA

Para atender aos propósitos da pesquisa, considera-se a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para os anos de 2005 e 2015 em um modelo *logit* simples e um modelo *logit* multinomial apresentado por Wooldridge (2007) e Gujarati (2006).

PRINCIPAIS RESULTADOS

	2005					
	Alta		Média		Trabalho Doméstico	
	Razão de Chance	Erro Padrão	Razão de Chance	Erro Padrão	Razão de Chance	Erro Padrão
Branco	1,410	0,049	1,051	0,030	0,763	0,021
Vive com cônjuge	-	-	-	-	-	-
Escolaridade (4 a 7)	0,564	0,045	1,180	0,098	1,056	0,037
Escolaridade (8 a 10)	0,679	0,058	3,060	0,247	0,694	0,029
Escolaridade (11+)	4,415	0,307	16,624	1,246	0,322	0,015
30 a 34 anos	1,426	0,074	1,031	0,042	0,981	0,042
35 a 39 anos	1,621	0,087	1,144	0,049	0,932	0,041
40 a 44 anos	1,720	0,095	1,106	0,050	0,833	0,038
45 a 49 anos	1,868	0,108	1,202	0,058	0,760	0,037
50 a 54 anos	1,853	0,118	1,111	0,062	0,554	0,031
55 a 59 anos	1,604	0,123	0,952	0,067	0,414	0,027
60 a 64 anos	1,450	0,142	0,822	0,079	0,323	0,027
Chefe	1,374	0,048	1,116	0,034	1,411	0,040
2º quintil de renda	1,121	0,099	1,608	0,103	1,179	0,043
3º quintil de renda	1,827	0,151	2,418	0,149	1,038	0,041
4º quintil de renda	3,730	0,301	3,465	0,216	0,629	0,029
5º quintil de renda	20,273	1,669	5,894	0,390	0,315	0,023
Crianças (0 a 3 anos)	1,583	0,069	1,199	0,043	0,872	0,029
Crianças (4 a 7 anos)	1,245	0,051	1,065	0,035	0,975	0,029
Crianças (8 a 15 anos)	1,249	0,043	1,068	0,031	0,850	0,024
Crianças (16 a 17 anos)	1,172	0,055	1,028	0,040	1,004	0,034
Horas gastas com afazeres domésticos	0,969	0,001	0,988	0,001	0,981	0,001
Nordeste	1,594	0,090	1,270	0,057	0,768	0,033
Sul	1,047	0,059	0,965	0,043	1,675	0,072
Sudeste	0,813	0,050	0,856	0,043	1,208	0,061
Centro Oeste	1,057	0,068	0,898	0,048	1,702	0,086
Região Metropolitana	0,881	0,028	0,925	0,025	1,645	0,044

Fonte: Elaboração própria a partir da PNAD de 2005.

	2015					
	Alta		Média		Trabalho Doméstico	
	Razão de Chance	Erro Padrão	Razão de Chance	Erro Padrão	Razão de Chance	Erro Padrão
Branco	1,588	0,051	1,145	0,030	0,794	0,025
Vive com cônjuge	0,936	0,031	0,817	0,022	0,798	0,026
Escolaridade (4 a 7)	0,693	0,074	0,721	0,065	1,128	0,051
Escolaridade (8 a 10)	0,546	0,061	1,099	0,095	0,824	0,040
Escolaridade (11+)	4,037	0,371	7,004	0,535	0,380	0,019
30 a 34 anos	1,225	0,062	1,108	0,044	1,361	0,081
35 a 39 anos	1,300	0,069	1,078	0,045	1,589	0,093
40 a 44 anos	1,274	0,070	1,074	0,047	1,620	0,095
45 a 49 anos	1,195	0,067	0,943	0,043	1,622	0,097
50 a 54 anos	1,329	0,078	1,079	0,052	1,370	0,086
55 a 59 anos	1,200	0,080	1,017	0,057	1,263	0,086
60 a 64 anos	1,058	0,089	0,844	0,063	1,136	0,090
Chefe	1,174	0,038	0,951	0,026	1,155	0,036
2º quintil de renda	0,908	0,085	1,470	0,090	1,116	0,049
3º quintil de renda	1,336	0,115	2,155	0,127	0,967	0,044
4º quintil de renda	3,140	0,258	3,338	0,197	0,821	0,041
5º quintil de renda	17,974	1,485	6,443	0,397	0,530	0,034
Crianças (0 a 3 anos)	1,617	0,072	1,231	0,043	0,952	0,039
Crianças (4 a 7 anos)	1,297	0,055	1,090	0,036	0,860	0,033
Crianças (8 a 15 anos)	1,334	0,046	1,165	0,032	0,979	0,030
Crianças (16 a 17 anos)	1,062	0,054	1,034	0,040	0,961	0,037
Horas gastas com afazeres domésticos	0,970	0,001	0,990	0,001	0,993	0,001
Nordeste	1,224	0,063	1,101	0,044	0,932	0,042
Sul	0,804	0,040	0,860	0,034	1,317	0,060
Sudeste	0,685	0,039	0,800	0,037	1,188	0,065
Centro Oeste	0,765	0,045	0,839	0,040	1,681	0,091
Região Metropolitana	1,027	0,031	0,997	0,025	1,366	0,040

Fonte: Elaboração própria a partir da PNAD de 2015.

Nas tabelas acima, é analisado a probabilidade das mulheres comporem a População Economicamente Ativa (PEA), segundo a tipologia CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) do IBGE que considera ocupações de nível superior (na tabela nomeado como "alta"), médio, manual e trabalho doméstico, a partir das variáveis individuais e estruturais. A categoria manual não aparece na tabela dado que foi utilizada como parâmetro de comparação.

Os resultados obtidos através dos modelos econométricos endossam o que as teóricas do campo da Economia Feminista vem falando desde o final do século passado. Os efeitos sobre o tipo de ocupação que variáveis como branco, viver com o cônjuge e ter filhos de até 7 anos no domicílio afetam a probabilidade das mulheres estarem ou não na população economicamente ativa. A situação segundo quintil de renda reforça o debate de Kér goat e Hirata sobre consubstancialidade e interseccionalidade das relações.

CONCLUSÃO

Como saldo da discussão, entende-se que o mercado de trabalho é sem sombra de dúvidas deve ser disputado pelas mulheres, enquanto meio para amortecer os efeitos da lógica patriarcal sobre suas vidas. O que se questiona no entanto é se essa – a disputa por um espaço dentro da lógica do capital – é a via de libertação mais emancipatória. Ao questionar essa ordem, tradição da economia feminista pode se transbordar em uma agenda feminista, que não reduz o feminismo à uma identidade, mas o identifica como vetor de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho, capítulos II, III e IV, 1999.
- CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam (Orgs.). A produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003.
- FRASER, Nancy. Contradictions of capital and care. *New Left Review*, n. 100, 2016.
- FEDERICI, Silvia. *Calibán y la bruja: Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.
- HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. In: XI Journées Internationales de Sociologie du Travail, 2007.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais, 2014.
- HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho, 2001.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise et alii. *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: Edunesp, 2009.
- MITCHELL, Juliet. Women: the longest revolution. *New Left Review*, n. 40, 1966.
- NELSON, Julie A. Feminism and economics. *The Journal of Economic Perspectives*, v. 9, n. 2, p. 131-148, 1995.
- RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres. Notas sobre a "Economia Política" do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes. *Vozes*, 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. Gênero, patriarado, violência. Fundação Perseu Abramo, 2004.